



**PUC-SP**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde**  
**Curso de Psicologia**

**Manuela Buk de Araujo**

**A TEORIA DA FALTA CONSTITUENTE EM CLARICE  
LISPECTOR**

**SÃO PAULO/SP**  
**2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde**  
**Curso de Psicologia**

**Manuela Buk de Araujo**

**A TEORIA DA FALTA CONSTITUENTE EM CLARICE  
LISPECTOR**

Trabalho de conclusão de curso como exigência  
parcial para a graduação no curso de Psicologia,  
sob orientação da Profª Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro

**SÃO PAULO/SP**  
**2022**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer meus amigos do colégio Santa Cruz e da Pontifícia Universidade Católica, que me apoiam em tudo que me proponho a fazer (até nas ideias mais desvairadas) e me dão forças para continuar escrevendo e buscando as maneiras de encontrar a autora criativa em mim. Não pretendo citar nomes pelo risco de deixar alguém querido de fora, mas deixo minha enorme gratidão e profunda admiração por cada um deles, que são a parte que considero mais especial em minha vida.

Gostaria de agradecer, especialmente, Luiza Januzzi Hermann, minha irmã de consideração, que certamente foi a pessoa que mais ouviu minhas angústias e alegrias sobre este trabalho. Obrigada Lu, foi nas nossas conversas em minha varanda que tive os insights mais importantes para este projeto.

Também dedico este trabalho à minha família: Marcelo, Bené, João e Tomás. Eles que me ajudam a me fazer como sou. E minha mãe, Rosane, que sempre me apoiou em meus devaneios literários e incentivou a minha profunda paixão pela escrita e pela leitura.

À minha psicóloga, Gabriela Zemel, não só por escutar meus pensamentos e associações-livres sobre este trabalho, mas também pelo nosso processo clínico conjunto. O consultório psicanalítico me ajudou a encontrar novas formas de atuar livremente com minha expressão criativa, e carrego isso comigo, no mais alto valor.

Por fim, aos meus orientadores: Ricardo Radin Bueno, que me ajudou na etapa do projeto de pesquisa, me incentivando a integrar Clarice Lispector em meu TCC, e Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro que, durante um ano, realizou essa jornada ao meu lado, me segurando quando eu queria correr mais do que as pernas permitiam e me dando os caminhos necessários para que eu não me perdesse.

## RESUMO

Este trabalho pretendeu estabelecer possíveis diálogos entre a filosofia ontológica de Freud e outras teorias de cunho antropológico, psicanalítico e literário. Baseando-se no método da pesquisa teórica, foram realizadas revisões bibliográficas de certas obras selecionadas de Freud e Lévi-Strauss, assim como textos e artigos de pensadores contemporâneos que pudessem estabelecer pontes e ilustrar um conceitos-chaves da psicanálise como, o inconsciente, a individuação e a teoria da falta como constituinte do sujeito. Procurou-se demonstrar como a falta se dá de maneira universal nos indivíduos. Por fim, a literatura criativa de Clarice Lispector, ilustrará de forma visceral essa ideia de homem falante/faltante, necessariamente incompleto, desejante e linguístico.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Linguagem, Escrita, Falta, Clarice Lispector.

# SUMÁRIO

- **Apresentação**
- **Método**
- **Escritores criativos e devaneios: ensaios da psicanálise sobre a escrita**
- **Uma ideia comum dos sujeitos da psicanálise: seres incompletos**
  - Defesa, inconsciente e universalidade.
  - Pulsão, instinto, desejo e falta
  - Natureza e Cultura
  - Proibição do Incesto: Interdito que anuncia a vida cultural
  - Complexo de Édipo: a falta constituinte
- **As possíveis relações entre psicanálise e literatura**
- **Clarice Lispector: escritora da falta**
- **Considerações finais**
- **Bibliografia**

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho nasceu do desejo de compreender, pela vertente psicanalítica, uma das práticas mais antigas da sociedade: a escrita e, indissociavelmente, a leitura como produtora de identidade.

Pode-se dizer que aquele indivíduo que lê ou escreve é, necessariamente, parte da vida coletiva, cultural, virtual e compartilhada, já que a comunicação linguística pressupõe, inevitavelmente, uma relação entre dois ou mais seres humanos. Isso faz da linguagem uma atividade própria do *ser*, em seu sentido verbal, indicação de uma prática cultural própria dos homens, carregada de sentidos de identificação e universalidade.

É comum que, pela leitura de textos criativos, despontem questionamentos de uma filosofia existencial, tais quais: “Como poderia um escritor que não conheço, colocar em palavras as emoções que tenho em mim, mas que eu ainda nem sabia serem nomeáveis?”

Esta comoção que a literatura causa nos indivíduos, pode ser possibilitadora da produção de sentidos de identidade e paridade, e demonstra o poder da linguagem em ser, ao mesmo tempo, pessoal e universal.

A palavra escrita e toda a imaginação que dela provém, representa uma das formas mais complexas de comunicação e união entre os seres humanos.

No universo da psicanálise, a linguagem é um tema de pesquisa extremamente importante no caminho daqueles que se propõe a tarefa de compreender a psique. O próprio Sigmund Freud era um estudioso ferrenho de literatura, modestamente conhecido como o pai da psicanálise, o autor também foi reverenciado pelo seu formidável trabalho como escritor, uma qualidade essencial para a divulgação e a posterior expansão global da teoria psicanalítica. Em sua extensa produção, são muitas as referências a obras da literatura clássica e contemporânea, utilizadas como metáforas e ilustrações estéticas da condição humana.

Influenciado por sua paixão pela literatura e pelos mistérios das doenças histéricas, Sigmund Freud também se interessou por estudar os processos psíquicos dos homens, no sentido de propor uma teoria psicológica universal, procurando compreender quais os elementos que nos unem enquanto espécie existencial, no âmago de nosso ser. A psicanálise, com suas ideias sobre o inconsciente e o complexo de Édipo, acaba por criar uma teoria que pressupõe a falta (psicanalítica) como constituinte do ser. Sendo que o conceito de falta será compreendido em uma perspectiva ampla, de maneira dialética e ambígua: formadora do indivíduo e do coletivo.

Essa teoria será o direcionamento essencial deste trabalho, que articulara tais ideias com no âmbito da escrita e da linguagem.

## MÉTODO

Este projeto foi produzido a partir do aprofundamento bibliográfico e da pesquisa teórica dos temas aqui tratados: psicanálise, antropologia e Clarice Lispector (1973). Desta maneira, o presente método pode ser descrito como: leitura, interpretação e análise dos textos e autores considerados pertinentes para a investigação das ideias e questionamentos que motivaram este trabalho.

Primeiramente, foi definido como texto ordenador, o artigo: *Escritores criativos e outros devaneios* (1996a). Para compreendê-lo em totalidade, também foi feito um resgate de alguns dos principais textos de Sigmund Freud: *Estudos sobre a histeria* (1977), *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1976), *As resistências a psicanálise* (1996e), *Totem e Tabu* (1996b), *a Dissolução do complexo de Édipo* (1996d). A referenciação destes textos se deu na direção de estabelecer um percurso histórico psicanalítico e firmar conceitos necessários para as relações aqui estabelecidas, como: inconsciente, desejo, falta, complexo de Édipo, fantasia e escrita.

Para fornecer uma compreensão mais contemporânea das ideias freudianas, também se utilizou a obra de Luiz Garcia Roza: *Freud e o Inconsciente* (2004). Neste texto, o autor brasileiro organiza uma linha do tempo da obra freudiana, tornando mais clara e organizada a conceituação psicanalítica.

Ademais, também foram utilizados dois capítulos do livro de Lévi-Strauss, *Estruturas elementares de Parentesco* (1976), a fim de estabelecer pontes do estruturalismo antropológico com a teoria da falta como constituinte do sujeito.

Por fim, a obra literária, *Água-viva* (2020), de Clarice Lispector, foi revisada e teve trechos selecionados e interpretados, a fim de trazer uma escritora criativa, evidenciando, assim, a forma que a falta e o desejo marcaram as reflexões literárias da autora acerca da existência. Para tratar de tal texto, utilizamos o trabalho de Rafael Villari: *Ernesto Sabato e melancolia* (1997), onde o autor estabelece as possíveis relações entre psicanálise e literatura, além de relacionar uma obra literária com o conceito psicanalítico da "melancolia". Tomamos a produção de Villari (1997) de maneira análoga, utilizando outra obra e outro conceito psicanalítico, mas mantendo como referência e norte o método proposto pelo autor.

Psicanálise e literatura estabeleceram importantes relações conceituais acadêmicas. Construir relações entre o texto criativo de uma autora da literatura brasileira e a teoria de um médico vienense do fim do século XIX se faz importante para suscitar uma compreensão mais ampla do homem psicanalítico, sob lentes contemporâneas e anacrônicas, no sentido de que a psicanálise não fala somente de um humano que pode ser analisado sob a ótica clínica, mas de um homem que é culturalmente marcado por ela.

A conclusão do será realizada à título de condensar os desafios e as relações encontradas neste trabalho, estabelecidas entre os diversos trabalhos científicos selecionados e o conteúdo discursivo presente no romance escolhido, para que, dessa maneira, sejam abordadas as indagações iniciais que movimentaram este projeto.

### **Escritores criativos e devaneios: ensaios da psicanálise sobre a escrita**

Iniciaremos este trabalho, trazendo o importante artigo de Freud, *Escritores Criativos e Devaneios* (1996a), onde o autor discorre especificamente sobre a atividade da escrita criativa, procurando entender seus efeitos sob os homens. Para assim, determinar a maneira que o autor compreende o escritor criativo sob a ótica da psicanálise, estabelecendo o campo conceitual no qual encaixaremos a obra de Clarice Lispector (2020), no fim deste ensaio.

É importante pontuar que, no período em que tal artigo foi publicado, primeira década do século XX, já se fazia mais de 20 anos que Freud havia escrito *Estudos sobre a histeria*, em 1895, livro considerado como ponto marco do nascimento da psicanálise, que revolucionou a psicologia como ciência.

Por tanto, *Escritores criativos e devaneios*, originalmente publicado em 1908, já é um texto que apresenta um vocabulário psicanalítico mais maduro e consolidado, por integrar um período em que a psicanálise já havia construído certa trajetória.

Em resumo, pode-se dizer que o artigo, inicia questionando: “*que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e despertar-nos emoções das quais talvez nem nos julgássemos capazes.*” (FREUD, 1996a, p.79)

Neste trecho em si, é curioso perceber que os termos utilizados não se referem tão diretamente a ciência psicanalítica. A questão acima, descolada do seu texto, é similar àquela também colocada na apresentação deste trabalho, o que acaba por aproximar um estudante curioso a Freud.

O autor procura entender de qual fonte psíquica o escritor criativo retira seu material, ao conseguir comover afetivamente seu leitor com a escrita criativa. Em grande parte do ensaio, ele se ocupa mais da descrição da fantasia e dos devaneios, do que do próprio escritor criativo, deixando em aberto, na conclusão, a pergunta que iniciou o trabalho, descrita no trecho acima.

Por tanto, para compreender os ensaios de Freud sobre a escrita criativa, e seu apelo para que continuemos a realizar novas e complexas investigações sobre o tema, se faz necessária a elucidação de alguns conceitos-chaves utilizados no artigo do autor, como a fantasia e o devaneio, compreendidos como funções psíquicas estruturadas pelo desejo, no seu sentido psicanalítico.

A fantasia descrita por Freud traz uma ideia psicanalítica ampla, não descrevendo uma vestimenta festiva ou algum elemento fantástico, tal como poderia ser definida no senso comum, mas sim uma operação psíquica realizada por uma mente dinâmica. Isto é, a fantasia psicanalítica é fruto de uma mente onde estão em funcionamento os dispositivos psicológicos de um sujeito da psicanálise, como o inconsciente e o consciente.

O ato de fantasiar (devanear), pressupõe que existe uma certa oposição entre aquilo que é imaginário, inventado pela mente, e aquilo que é real, estabelecida pelos sentidos físicos cognitivos como a visão, tato, olfato etc. Algo comparável a apreensão que o indivíduo tem da realidade.

Isto é, quando um indivíduo fantasia, ele produz uma ilusão na sua mente, que não poderia ser plenamente representada no plano concreto, no mundo exterior: o indivíduo tem o poder de inventar algo que não é real, com elementos que retirou da realidade.

A título de ilustração, podemos utilizar o exemplo de um homem que está a caminho de uma entrevista de emprego. Neste percurso, ele pode imaginar o seu possível futuro bem-sucedido, caso seja contratado. Mesmo que o homem mal tenha alcançado a primeira etapa de seleção do emprego, ele já possuiu a habilidade de se visualizar de terno, em um escritório, como parte da empresa, dando ordens e compondo uma equipe. Ou seja, ele está dando vazão imaginária a um desejo, a uma possibilidade. (FREUD, 1996a)

Em outro caso, podemos trazer o exemplo de uma criança que conversa e vive com um amigo imaginário. Nesta situação, a criança também está cumprindo uma vontade de estar acompanhada, de ter um amigo, corrigindo uma realidade solitária e confortando o mundo psíquico com uma fantasia mais confortável, onde é acompanhado e amado.

Em resumo, a proposta do autor, é estabelecer a fantasia como fruto amadurecido e desenvolvido da brincadeira de crianças pequenas. Isto é, se as fantasias podem ser explicadas como a forma psíquica de realizar de algum tipo de desejo interno, os primórdios

desta prática podem ser encontrados nas atividades lúdicas das crianças, como a brincadeira de casinha, onde os infantes se tornam “papai e mamãe”. Nestes momentos, as crianças estão ensaiando o que são ensinados socialmente, representando papéis que eventualmente virão a ocupar: estão satisfazendo o desejo de serem adultos.

Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade?” (FREUD, 1996a, p79-80)

Esta ideia se afirma pela noção de que, em geral, Freud frequentemente propõe um retorno a vida mental infantil para explicar a forma como a psique adulta se estrutura, já que a psicanálise é fundamentada na ideia de que os primeiros anos da vida de um indivíduo são um período estrutural e formador de seu próprio e particular existir humano.

Quando o autor afirma que *“o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia (...), no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade”* (FREUD, 1996a, p.80) ele associa a atividade da escrita, o ato de fantasiar, a uma maneira evoluída do brincar de uma criança.

Para o indivíduo que ultrapassa esse período formador e chega à idade madura, é necessário que “abduque” das brincadeiras de criança, dos funcionamentos que exercia quando neném, e leve a vida com mais seriedade e responsabilidade. No entanto, para a psicanálise, nada daquilo que foi inscrito na vida psíquica infantil, como as brincadeiras, os desejos e as frustrações, realmente se perde, mas sim, se transforma, como na física. No caso do escritor criativo, por exemplo, a brincadeira se transforma em fantasia e o brinquedo se torna o papel e a caneta. Nas palavras de Freud (1996a, p84): *“Não se esqueçam que a ênfase colocada nas lembranças infantis da vida do escritor - ênfase talvez desconcertante - deriva-se basicamente da suposição de que a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil”*.

Em resumo, o adulto sadio é capaz de abandonar a vida lúdica infantil, mas em seu íntimo, ainda criará fantasias. O indivíduo não se sente à vontade para expor tão livremente seus desejos e imaginações, como fazem as crianças, já que, socialmente, está mais severamente sujeito a regras de conduta. As fantasias, por estarem próximas a uma atividade infantil, acabam sendo encaradas como inapropriadas, imaturas e vergonhosas, e o indivíduo investirá uma boa parcela de energia mental na tentativa de escondê-las dos outros.

A fantasia, por tanto, cumpre uma função de realização de um desejo que não pode ter tido vazão naquilo que foi da ordem da realidade, e servirá como a satisfação interna de uma vontade que, por alguma razão lógica, não aconteceu na vida concreta, fora da mente do indivíduo. (LAPLANCHE, 1991, p.190).

Explicará Freud (1996a, p.81): “*As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória.*”. Neste trecho, o autor reforça a ideia de que a fantasia é o ato de realizar um desejo, tamponar uma falta, corrigir uma realidade, e que todo homem faz isso ao longo da vida, logo, todo indivíduo idealizado pela psicanálise é um ser necessariamente, insatisfeito. Tal qual o escritor criativo.

Completará Freud sobre a questão da fantasia dizendo que “*Podemos partir da tese de que a pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita.*”. (FREUD, 1996a, P.81)

Ora, se chegamos aqui à conclusão de que o escritor criativo, em sua atividade, não faz mais do que o ato de fantasiar, habilidade comum em todo o ser humano, pode-se dizer que ele participa da ordem do que poderíamos chamar de “indivíduos comuns”, não possuindo qualquer habilidade extraordinária. (FREUDa, 1996)

Por tanto, compreender a atividade do escritor criativo, não trata de isolá-lo em sua habilidade, mas sim entendê-lo naquilo que é comum aos outros indivíduos: a fantasia e a ideia de que todo homem faz devaneios, por ser, necessariamente, insatisfeito. Está dado um esboço da teoria da falta como constituinte dialético do homem, pela via da conceitualização teórica da fantasia, no sentido de que toda a fantasia pressupõe um desejo insatisfeito (uma falta) que fomenta a imaginação, o inventar para tamponar uma impossibilidade de realização concreta.

Essa tarefa, de entender todo e qualquer homem a partir de um modelo, foi um empreendimento extenso do próprio Freud, e é necessário que o façamos para ensaiar sobre a atividade do escritor criativo.

### **Uma ideia comum dos sujeitos da psicanálise: seres incompletos**

Até aqui, ficou claro que todos os homens, desde crianças, arcam com a impossibilidade de terem todas as suas necessidades atendidas, então fantasiam para preencher este vazio. Quando adultos, submetidos a rígidas regras sociais, escondem fortemente tais pensamentos da imaginação. Mas poderíamos, neste ponto, nos indagar: “*se as pessoas fazem tanto mistério a respeito do seu fantasiar, como os conhecemos tão bem?*” (FREUD, 1996a, p81)

Isto é, poderíamos questionar: se não testemunhamos a fantasia, já que os indivíduos escondem e a reprimem tão bem, muitas vezes nem realizando sua existência, como podemos ter certeza da real presença deste funcionamento na mente? Responderá Freud (1996a, p.81):

“É que existe uma classe de seres humanos a quem, não um deus, mas uma deusa severa - a Necessidade - delegou a tarefa de revelar aquilo de que sofrem e aquilo que lhes dá felicidade. São as vítimas de doenças nervosas, obrigadas a revelar suas fantasias, entre outras coisas, ao médico por quem esperam ser curadas através de tratamento mental. É esta a nossa melhor fonte de conhecimento”

Neste ponto do texto, está dado um importante fato histórico em qual toda a psicanálise foi baseada e, de certa forma, gestada: o tratamento de pacientes em hospitais psiquiátricos. Foi no trato de pessoas considerados “anormais” ou “perturbados” pelas doenças mentais, que Freud conseguiu identificar esta dinâmica mental entre falta e desejo, reveladas por tais indivíduos. Levados pela Deusa Necessidade, seus sintomas elucidaram os conflitos de uma mente composta por ego, superego e inconsciente, sendo essa uma teoria estrutural aplicável para todo e qualquer ser humano. Isso justifica a suposição de que os pacientes histéricos revelam aspectos da psique que poderiam ser observados em pessoas saudáveis. (FREUD, 1996a)

Por tanto, se faz necessário que, no caminho de compreender a universalidade da estrutura mental proposta por Freud, retornemos aos dinamismos presentes nas doenças nervosa, pois foram estas que forneceram a substância para o ensaio de um modelo psíquico comum a todos os seres. Mais uma vez, reitera-se o pouco que poderíamos discorrer sobre o homem que fantasia, que escreve criativamente, se não resgatarmos alguns dos conceitos chaves da psicanálise, desvelados nos hospitais psiquiátricos de Viena e que seguem sendo desenvolvidos até o dia de hoje.

- **Defesa, inconsciente e universalidade.**

Voltaremos, então, a 1895, ano em que foram publicadas as primeiras ideias que esboçariam a filosofia psicanalítica como um todo. O trabalho *Estudos sobre a Histeria* (1977), foi uma obra que trouxe importantes descobertas acerca da etiologia das doenças neuróticas, sendo que sua publicação é considerada o como marco do nascimento da psicanálise.

O livro, ilustrado por casos clínicos de Breuer e Freud, trazia a hipótese que a origem dos sintomas histéricos recaía sobre uma relação mental ainda não explorada: o trauma psíquico. Nas sessões psiquiátricas, os autores observaram que muitos dos pacientes

apresentavam sintomas (paralisia, afasia, alucinações, por exemplo) produzidos a partir de alguma experiência afetiva traumática reprimida, experiências estas muitas vezes relacionadas ao mundo da sexualidade.

Foi por meio do método da hipnose que Breuer e Freud trouxeram à luz esta poderosa associação psicopatológica, a qual denominaram teoria do trauma, onde conectaram os sintomas histéricos com a sexualidade reprimida dos pacientes. A aplicação da hipnose abriu as portas para uma extensa investigação clínica e acadêmica, que viria a desenrolar as teorizações dos conceitos mais fundamentais da psicanálise. No entanto, apesar da hipnose ter sido precursora do pensamento psicanalítico, a prática se mostrou ultrapassada e ineficiente a longo prazo, posteriormente compreendida como um obstáculo para o tratamento duradouro daqueles que padeciam de doenças nervosas, caindo, enfim, em desuso. (BREUER et FREUD, 1977)

Neste ponto, nos apoiaremos sobre a obra do contemporâneo Luiz Garcia-Roza, *Freud e o Inconsciente* (2009), que nos fornecerá uma visão mais contemporânea e integrada da obra de Sigmund Freud. Sobre o período de publicação de Estudos Sobre a Histeria, Garcia-Roza descreverá o período em que Freud abandona a hipnose, para substituí-la pela técnica fundamental da **associação-livre** pois:

O procedimento hipnótico era, sem que ele soubesse, o obstáculo maior ao fenômeno que será transformado num dos pilares da teoria psicanalítica: a defesa (...) Seu objetivo não poderia mais consistir simplesmente em produzir a ab-reação do afeto, mas em tornar conscientes as ideias patogênicas possibilitando sua elaboração. Nesse momento, começa a se operar a passagem do método catártico para o método psicanalítico. (GARCIA-ROZA, 2009, p.37)

Essa virada de pensamento que o trecho acima descreve, momento em que Freud resolve priorizar o estudo das defesas ao invés da prática da hipnose, é de tamanha importância, pois começa a desenhar o conceito de consciência e inconsciência, temas que só se estabeleceriam no vocabulário psicanalítico décadas depois, como narrará Freud, posteriormente, em seu texto *O inconsciente*: “*As experiências hipnóticas, aliás, especialmente a sugestão pós-hipnótica, demonstraram de modo tangível a existência e maneira de operar do inconsciente psíquico, antes mesmo da época da psicanálise.*” (FREUD, 1996c, P.100).

A técnica de associação livre, regra fundamental da clínica psicanalítica que perdura até os dias de hoje, é certamente um dos pontos de maior contribuição da psicanálise nas psicoterapias. Tal regra, onde se pede que o paciente fale tudo que lhe vem à mente, sem objeções, colabora para um acesso mais direto aos conteúdos reprimidos dos indivíduos em análise, conteúdos estes responsáveis pela formação dos traumas psíquicos e as

respectivas sintomatologias já tratadas acima. Esta é uma maneira de contornar as defesas, as resistências descobertas no trato com as histéricas.

Descobertas as resistências e as defesas do ego, e a maneira de operar sobre elas, com o uso da associação livre, o questionamento reside em o porquê da existência de tais defesas na psique do indivíduo? Qual a função preservativa que a resistência implica? Se a defesa e o esquecimento não são atividades conscientes, em que âmbito da mente se encontram? As respostas se encontram na própria formulação do inconsciente.

No percurso de Freud, primeiro se definiu a defesa e a resistência, para depois se compreender o inconsciente. Aqui estamos traçando um caminho semelhante.

Pode-se dizer que o tema *inconsciente* ainda causa muitas especulações e divergências dentro da área da psicologia, e da própria psicanálise contemporânea. Aqui nos interessa trazê-lo da maneira original em que foi ensaiado, por Freud.

Garcia-Roza (2009) afirma que o inconsciente é comumente estabelecido como o conceito fundamental da psicanálise, mesmo que sua compreensão não seja tão unânime. Muitas vezes, podem ser encontradas definições errôneas do inconsciente, descrito como uma parte misteriosa do funcionamento do humano, como algo obscuro, esotérico ou divino, definições essas que estão distantes da proposta de Freud. Dirá o autor: *A psicanálise não é uma psicologia das profundezas, na medida em que o “profunda” aponte para uma espécie de subsolo da mente até então desconhecido e que ela se proponha a explorar. O inconsciente não é aquilo que se encontra “abaixo” da consciência* (GARCIA-ROZA, 2009, p.170)

Quando a psicanálise convocou os indivíduos a fazerem associações livres em seu processo terapêutico, emergiram conteúdos antes encobertos na consciência, recuperados pelos pacientes de maneira ativa, desperta. Livre do controle racional, da coerência lógica, o discurso apareceu sem grandes defesas, e a resistência se afrouxou nos relatos falados, fazendo com que outra determinação se tornasse acessível: a do inconsciente. No entanto, isso não quer dizer que o acesso ao inconsciente se dá na ausência da determinação lógica ou sintática, pelo contrário: a associação livre não tem por objetivo substituir o determinado pelo indeterminado, mas substituir uma determinação de sentido por outra. (GARCIA-ROZA, 2009).

Por tanto, o inconsciente pode ser definido como um sistema psíquico contraposto a um outro sistema psíquico (consciência), sendo essa uma distinção tópica presente no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*. É importante reforçar novamente que este sistema psíquico denominado inconsciente não é arbitrário nem ilógico, mas responde a

diferentes graus de determinação e sintaxes, diferentes daqueles presentes na consciência. (GARCIA-ROZA, 2009, p.170)

O inconsciente se revelou nas lacunas da consciência, como o chiste, o lapso, os sintomas, os sonhos e os atos falhos, sendo estes fenômenos chamados de “formações do inconsciente”: os grandes denunciadores de sua presença. Freud dirá que a psicanálise compreende o indivíduo como se este fosse regido por dois sujeitos: um da consciência e o outro da inconsciência. O trecho abaixo descreve de forma concisa estas ideias:

O termo “conteúdo do inconsciente” não designa uma relação de conteúdo a continente análogo aquando dizemos que o copo contém água. (...). O inconsciente é uma forma e não um lugar ou uma coisa. Melhor dizendo: ele é uma lei de articulação e não a coisa ou o lugar onde essa articulação se dá. (...)“Obedecer a dois senhores” , como diz Freud, é obedecer a leis diferentes, assim como as formações de compromissos são compromissos entre exigências legais diferentes. (GARCIA-ROZA apud FREUD, 2009, p.174-175)

Ou seja, a revolução de Freud na psicologia se fundamentou na apresentação da ideia de que o homem se constitui de maneira fragmentada, ambígua, sendo estruturalmente, composto por dois “sujeitos”. Isto também significa dizer que o indivíduo jamais poderia se tornar completamente consciente de si mesmo, já que a psique é necessariamente formada por um dinamismo que pressupõe lapsos, repressões e defesas, aspecto necessário para a preservação saudável do ego. Voltarei a este ponto mais adiante.

Antes de Freud, a mente dos homens era compreendida pela psicologia como única e total. Quando o autor apresenta a conceitualização do inconsciente, sinaliza um homem que está à mercê dos imperialismos da mente, que pode reprimir memórias, lançar o indivíduo a loucura (independente de gênero, classe ou raça) e ensaiar os mais detalhados sonhos. Nesta perspectiva, toda e qualquer psique, saudável ou não, é constituída por um aparelho psíquico indomável, no sentido de que o humano não funcionaria social, racional e emocionalmente, senão regido por estes dinamismos mentais que o compõe.

Bom, neste ponto, pode-se afirmar que tal ideia de homem que não é “senhor de si mesmo”, universalizado, não foi suavemente recebida pela ciência androcêntrica da época, e é comparável à descoberta de Copérnico quando este afirmou que o sol não girava em torno da terra: também foi o estrondo que Freud causou quando afirmou que o homem não era dono de seus desejos e atos, mas que estes vinham da ordem daquilo que é inconsciente, oculto ao homem. Ou seja, a mente não gira em torno do homem, o homem que gira em torno da mente. (FREUD, 1996e)

Uma alusão importante de conceitos também se trata da proposta de Freud em compreender o homem como ambíguo, formado por diversas forças contraditórias. Isso

introduz na teoria uma ideia de que o homem é necessariamente formado por aspectos dúbios, duplos, indeterminados. Mais uma vez, a dialética da falta como constituinte do ser pode ser apresentada, no seu sentido fluído, como oposta ao total e completo, análoga a relação entre inconsciente e psique.

- **Pulsão, instinto, desejo e falta**

Até o presente momento, perpassamos a história de Freud certa linha histórica, onde ele inicia suas descobertas acerca das defesas e dos recalcamientos nos hospitais psiquiátricos e, décadas depois, estabelece o conceito de inconsciente. No entanto, na teoria psicanalítica contemporânea, ambos os conceitos se complementam e se articulam na direção de explicar o aparelho psíquico. Feito o apanhado histórico e teórico, já podemos tratar *inconsciente* de maneira embasada, para assim introduzir uma conceitualização mais completa de pulsão, e desejo que, no fim, são conceitos centrais para os questionamentos deste trabalho.

Já sabemos que o sistema inconsciente se encarrega da elaboração onírica, dos chistes, dos lapsos e dos atos falhos, sendo o mecanismo repressivo seu maior indício. Ou seja, o conceito de defesa, resistência e *recalcamento* está intimamente ligado ao inconsciente: “*a teoria do recalcamento é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise*”. (GRACIA-ROZA apud FREUD, 2009, p.151)

O recalcamento pode ser definido como um processo que reside essencialmente na dinâmica do deslocamento, que afastará uma determinada representação mental da consciência para recolocá-la em um sistema que melhor lhe cabe, como o inconsciente. A representação pode ser afastada por ainda não caber nas determinações conscientes, ou por não encontrar identificação na sintaxe pessoal do indivíduo, cumprindo assim, certa função de preservação da estruturação do ego, que pode não estar psiquicamente pronto para arcar com certas ideias. (GARCIA-ROZA, 2009)

Por exemplo, uma mulher casada que tenha desejos extraconjugais pode recalcar tal desejo sexual, já que ele é considerado socialmente imoral e incorreto.

Vale dizer que o modelo mental de Freud apresentará diversos mecanismos repressivos na psique, mas que este não contém uma conotação negativa, como compreendidos no senso-comum. Uma dose de recalcamento é saudável para que os indivíduos tenham uma vida mental plena. O excesso do recalque pode ser causador da doença neurótica, já que uma grande quantidade de representações recalcadas pode

suscitar o deslocamento de tais idealizações para o corpo físico que, sem encontrarem significação na consciência, acabarão por ter vazão em sintomas psicopatológicos.

Por outro lado, a falta do recalque e da repressão pode acabar por liberar desenfreadamente todo tipo de conteúdo na psique, conscientes e inconscientes, e o indivíduo povoará o mundo com suas representações sem qualquer critério, ficando à mercê de seu inconsciente, sem defesas. Estes serão os psicóticos.

Ou seja, o recalque terá uma função preservativa de encaminhar um representante ideativo, que vai surgir a partir de uma pulsão. Vamos tratar deste último conceito para compreender melhor a atividade do recalque.

Apesar da pulsão ser comumente confundida com instinto, por questões de tradução, o instinto fala de um fator animal, carnal, e é determinado filogeneticamente, inato, já contendo em si o objeto que trará a satisfação de tal instinto. Por exemplo: ter sede é um instinto, e a água é a sua satisfação. Já a Pulsão, é um conceito bem mais complexo, pois fala de uma busca pela satisfação por um objeto que se desconhece, que se busca. A pulsão é o instinto que se desnaturaliza, por ter origem nas excitações físicas interiores, mas se descontinua do instinto ao ser representada psiquicamente por uma ideia, estando distante da biologia. Seu objetivo principal recai sobre a satisfação, e não sobre o objeto. (GARCIA-ROZA, 2009) Por exemplo: ter sede de poder é uma pulsão, e seu objeto de satisfação não é carnal, mas cultural, não se esgota, está sempre a se atualizar socialmente.

O terceiro e mais central conceito que também se coloca na relação trazida pela discussão recalque, entre busca de satisfação e objeto, é aquele que finalmente aterrissará sobre a teoria da falta como constituinte do humano: o desejo.

Em escala, ele está diametralmente oposto ao instinto, já que o desejo não é da ordem da biologia ou da necessidade. Também está adiante da pulsão, pois o desejo não pretende uma satisfação ou um objeto, mas estabelece relação com um objeto fantasma. Relacionado a fantasia, já explicada no início deste trabalho, o desejo participa de um outro âmbito da vida mental humana: a falta. A estrutura do desejo implica, essencialmente, que o objeto de sua satisfação nunca será alcançado, o que faz do desejo um impulso indestrutível:

o que caracteriza o desejo para Freud é esse impulso para reproduzir alucinatoriamente uma satisfação original, isto é, um retorno a algo que já não é mais, a um objeto perdido cuja presença é marcada pela falta. Para usar uma fórmula agostiniana, o que caracteriza o desejo é a presença de uma ausência. O desejo é a nostalgia do objeto perdido. (GARCIA-ROZA, 2009, p.145)

Para exemplificar o desejo, poderíamos usar o seguinte exemplo: ter sede de ter sede. Nesta ilustração, fica clara a liquidez do desejo, que jamais será satisfeito, que se relaciona com a própria falta, o ciclo, a impossibilidade de completude.

Estabelecidos os conceitos de recalçamento, pulsão e desejo como forças-motrizas presentes na vida mental, poderíamos questionar: Mas porque estaríamos nós, seres humanos, regidos internamente por dois sujeitos discordantes, compelidos a buscar (im)possibilidade de realizar, desejos e pulsões, nos colocando em um processo eterno de reprimir e sublimar vontades? Não poderíamos, simplesmente, buscar o preenchimento da falta e viver satisfeitos?

A questão é pertinente pois, até o presente momento, descrevemos um homem apenas em sua individualidade, em sua pessoalidade: sozinho. No entanto, a espécie humana só sobreviveu tão longamente por ter estabelecido um funcionamento estrutural em sociedade, coletivo. Não existe indivíduo sem sociedade, como também não há sociedade sem indivíduo. Tal noção é essencial para nosso percurso teórico, pois a formação do aparelho psíquico tal como compreendido pela psicanálise participa de um contexto maior e ancestral, que é a própria formação da sociedade. Indivíduo e sociedade se constituem em um sistema retroalimentar e dialético. Voltarei a este ponto mais adiante.

Na definição de desejo, podemos resgatar a noção de que a psique só é estruturada a partir da alteridade, da relação entre os humanos:

desejo só pode ser pensado na sua relação com o desejo do outro e aquilo para o qual ele aponta não é o objeto empiricamente considerado, mas uma falta. De objeto em objeto, o desejo desliza como que numa série interminável, numa satisfação sempre adiada e nunca atingida (GARCIA-ROZA, 2009, p.139)

Porém, é sabido que os humanos não são os únicos animais que se estruturam em sociedade. As abelhas também respeitam uma vida coletiva, nas colmeias, ou os orangotangos nas disposições das florestas, que criam hierarquias complexas entre os membros do bando. Mas é sabido que nenhum destes animais são racionais, não possuem inconsciente, pulsões e desejos. Não refletem sobre a existência. O que nos difere enquanto espécie, é que a nossa sociedade dispõe de um complexo conceito chamado Cultura. É ela que permite a arte, a escrita criativa, a linguagem e as leis sociais. O senso-comum define a Cultura como um conjunto das características morais, intelectuais, artísticas e dos costumes ou tradições de um determinado povo, nação, lugar ou de um período específico.

Nesta definição, aparece o conceito de moralidade, intelectualidade, aspectos muito ligados a aquilo que já tocamos no que diz respeito a teoria do trauma e seus desenrolares.

Para ilustrar a relação da Cultura com a Psicanálise e o inconsciente, podemos resgatar a década de 1890, Viena, década próxima da publicação de *Estudos sobre a Histeria* (1977).

Diante de violenta realidade bélica e decadente que anunciava o começo do fim do Império Austro Húngaro, Viena também era, contraditoriamente, inundada pelos ideais modernos e efervescentes da Europa Ocidental. Foi nesse contexto dual e ambivalente, que ebuliram os temas-chaves para que Sigmund Freud pudesse embasar sua teoria. A relação paradoxal entre conceitos morais ambíguos dados na cultura e, por tanto, na mente da população de Viena, questões estas como a morte e sexualidade, patologias e linguagem, por exemplo, refletiam nos casos de histeria estudados por Breuer e Freud. Na sociedade de Viena, onde Freud trata as histéricas, a sexualidade era extremamente reprimida, por uma questão cultural, e isto retornava na forma de sintomas. Esta dada uma forte relação entre Cultura e psique. (BETTELHEIM, 1991)

Em resumo, pode-se dizer que viver em sociedade imprimiu na mente do homem a necessidade de reprimir necessidades pulsionais e instintivas, por exigências da moral e do racional, entram então, as forças de recalçamento que produzem a dualidade de sistemas psíquicos e, por tanto, as forças pulsionais e desejantes, e isto acontece em uma dialética da vida comum. Nesta questão, podemos trazer a antropologia para a discussão, que procurará entender o homem em um sentido mais holístico, como ser biológico, social e cultural.

Isso se faz importante para que resgatemos uma outra ambiguidade que integra a vida do ser humano: Natureza e Cultura, que serão referenciadas aqui como mais um exemplo dialético que participa da formação da psique enquanto ambígua e dúbia. O advento da Cultura na sociedade humana é um tema complexo e profundo, no entanto, é importante abordá-lo pois, a escrita criativa participa do sistema simbólico da linguagem, e a linguagem está intimamente relacionada com a cultura e a vida em sociedade, que também está articulada com a vida individual e pessoal do indivíduo, que só se dá como tal em um encontro com o Outro.

- **Natureza e Cultura**

Na década de 50, um dos mais importantes antropólogos modernos, o francês Levi Strauss, procurará definir Cultura, em seu sentido simbólico. Em *Estruturas Elementares do Parentesco* (1976), no capítulo *Natureza e Cultura*, ele procurará teorizar sobre como todas as práticas humanas podem ser divididas como sendo de ordem natural, ou de ordem cultural. Na sua concepção, aquilo que diz respeito ao comportamento cultural estará

sempre relacionado a alguma conduta ou regra, isto é: *“Em toda parte onde se manifesta uma regra podemos ter certeza de estar numa etapa da cultura”*. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.47) Já a parte natural pode ser opostamente entendida em seu sentido universal, que respeita somente o que é instintivo e pulsional, já que *“aquilo que é constante em todos os homens escapa necessariamente ao domínio dos costumes, das técnicas e das instituições pelas quais seus grupos se diferenciam e se opõem.”* (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.47)

O autor também afirmará que o homem: *“é um ser biológico ao mesmo tempo que um indivíduo social”* (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.41). Mais acima, já tratamos a questão de o homem ter tantos comportamentos culturais (artes, desejos, criatividade), quanto biológicos (instinto), sendo que a psique funcionará de forma a equilibrar na consciência os representantes ideativos das pulsões, impossibilitados de estes serem realizados na vida social e real. Sendo, por tanto, delegados a repressões do inconsciente, que os sublimará em outras formas mais factíveis.

*“Enquanto o natural é aquilo que é constante e universal em todos os homens, o cultural é caracterizado pela regra, pela norma, e pertence ao domínio dos costumes, das técnicas e das instituições”* (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.47). Isso se relaciona com a teoria do homem psicanalítico um ser necessariamente faltante, incompleto, por ser um ser que salta, mas não completamente, da vida animal para ingressar naquilo que chamamos de vida compartilhada, cultural. Será, então, estruturalmente, um ser desejante, que flerta constantemente com a falta e a insatisfação. Completa Garcia-Roza sobre o desejo (2009, p.139): *“Não o desejo tal como é entendido pela biologia e como é proposto pela filosofia natural; não o desejo como satisfação de uma necessidade, mas um desejo desnaturalizado e lançado na ordem simbólica.”*

Posteriormente, na década de 70, Lévi-Strauss (2009) procurará definir esta ordem simbólica, como o próprio inconsciente, bebendo das fontes psicanalíticas e relançando a discussão de cultura de volta à Freud. Na linha de pensamento do autor, não são os fatos sociais que acontecem primeiro, para depois produzir a simbolização, mas vice-versa: a vida social que é produzida pela função simbólica:

O que Lévi-Strauss nos diz é que a cultura é um conjunto de sistemas simbólicos e que esses sistemas simbólicos não são constituídos a partir do momento em que traduzimos um dado externo em símbolos, mas, ao contrário, é o pensamento simbólico que constitui o fato cultural ou social. Só há o social porque há o simbólico. Esse simbólico, Lévi-Strauss identifica-o com a função simbólica ou, o que vem a dar no mesmo, com as leis estruturais do inconsciente. (GARCIA-ROZA, 2009, p.145)

A sociedade não poderia funcionar se os indivíduos que a compõe não fossem regrados pelo simbólico. A estrutura psíquica respeita a necessidade da vida social, como afirmou Lévi-Strauss, é o inconsciente que vem *a priori*, antes do fato social.

- **Proibição do Incesto: Interdito que anuncia a vida cultural**

Pois bem. Definidas e separados os comportamentos naturais e simbólicos do homem, surge a questão: poderia existir uma exceção dentro dessa linha de pensamento? Isto é, um fato humano que se dá tento de maneira universal quanto cultural? Neste ponto, a ideia de Lévi-Strauss nos aproximará novamente da psicanálise, já que ele responde que a única lei existente, que transita entre a natureza e a cultura, ou seja, entre a universalidade e a regra, é a lei denominada: **proibição do incesto**, nome do capítulo seguinte em sua obra.

Há, no entanto, um tipo de interdito que, segundo Lévi-Strauss, possui a universalidade do que é natural, mas que enquanto regra é estritamente social: é a proibição do incesto. Por essa característica, ela é vista não somente como uma espécie de síntese da natureza e da cultura, mas também como o lugar da passagem de uma à outra. (GARCIA-ROZA, 2009, p.216)

A importante hipótese aqui trabalhada pela antropologia, é que esta vida social dos seres tem origem ancestral daquilo definido como a proibição do incesto. É interessante refletir que o antropólogo, por mais que refutasse grande parte da teoria psicanalítica, elevará a proibição do incesto como fator central na compreensão das sociedades culturais humanas, tema no qual a psicanálise se debruçou tão profundamente, ao elaborar o complexo de Édipo. Isso corrobora com a afirmação de que Freud propôs um novo modelo de homem, homem este submetido e fundado pelas renúncias da vida incestuosa, tal como explicado em Lévi-Strauss.

Por mais que as relações de parentesco sejam diferentes a depender da comunidade, a proibição da consumação de atos sexuais entre parentes é soberana e ancestral e, aquele que não a respeita, não está encaixado socialmente, na rígida conduta dos homens que regem as tribos.

Lévi-Strauss nos oferece mais ideias antropológicas acerca da proibição do incesto, procurando investigar como a regulamentação das relações entre os sexos se dá quase como uma invasão da cultura nas leis da natureza. No entanto, afirma também que a relação sexual também é, ela própria, um prenúncio da vida sexual, já que esta pressupõe a necessidade de estímulos de outrem, isto é, a relação entre dois ou mais seres. Tal como

uma andorinha só não faz verão, também um homem sozinho, não faz sociedade. (LÉVI-STRAUSS, 1976)

Curiosamente, o mesmo pensamento que estabelecemos no começo deste trabalho ao ensaiar sobre a escrita, é que ela se trata de uma atividade que também implica uma relação entre dois indivíduos. Cabe então, a ideia de que a regulamentação das relações sexuais pode ter originado toda a cultura e sociabilidade humana. Explica Lévi-Strauss (1976, p.50): “*A proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura, e em certo sentido - conforme tentaremos mostrar - é a própria cultura*”

O autor continua seu capítulo fazendo diferentes análises de como as estruturas de parentesco e familiares podem se alterar a depender da tribo, mas que a proibição do incesto realmente se dá de forma universal em todas as sociedades do mundo. Isto é, a cultura é totalmente ligada a proibição do incesto, por isso se faz necessário compreender o homem e suas atividades a partir de uma ótica que esteja atravessada por tal ideia, pois como poderíamos ensaiar sobre a cultura descolada das relações de parentesco? Já que, como afirma o autor no fim do capítulo:

Antes dela (a proibição do incesto) a cultura ainda não está dada. Com ela a natureza deixa de existir, no homem, como um reino soberano: A proibição do incesto é o processo pelo qual a natureza se ultrapassa a si mesma. Se superpõe, integrando-as, às estruturas mais simples da vida psíquica, assim como estas se superpõem, integrando-as, às estruturas, mais simples que elas próprias, da vida animal. Realiza, e constitui por si mesma, o advento de uma nova ordem. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.56)

A proibição do incesto pressupõe relações de parentesco. Pois sem família, não existiria incesto. Neste ponto, pode-se dizer que parte da teoria de Freud, que ensaia um homem e sua psique fundamentado nas relações familiares, está embasada também em uma compreensão antropológica, mas também na ideia de que a cultura não poderia acontecer, senão permitida por aquilo que chamamos de **família humana**. Enquanto a antropologia se preza a compreender a cultura de maneira coletiva, no sentido de como ela se dá nos povos, a psicanálise se voltará ao indivíduo e sua vida pessoal.

Por exemplo, em uma de suas maiores obras de Freud, *Totem e Tabu* (1996b), o autor teoriza sobre um evento, denominado “*Pai da Horda*”. Uma metáfora ilustrada por uma tribo ancestral em que um patriarca era o único que podia consumir o ato sexual com as mulheres da Horda. Como a tribo é fechada, pode-se dizer que seus membros são aparentados e, ao consumir o ato sexual com as mulheres da comunidade, o Pai da Horda está perpetuando relações endógenas. Porém, chega o dia em que seus filhos, sentindo-se injustiçados pela privação do ato sexual, resolvem assassinar este Pai, e estabelecem que os membros da mesma tribo não poderiam mais copular e se reproduzir entre si, apenas no intercâmbio com mulheres de outras tribos. (FREUD, 1996b)

Neste mito, está contida uma ideia de família: impressa pela tribo, de incesto: o Pai da Horda que tem relações com as filhas, e de proibição deste incesto: quando os filhos da tribo matam o pai e estabelecem que as relações endógenas não poderiam mais ser sexuais. Na opinião de Freud, é neste ponto de intercâmbio sexual, que se permitiu a cultura e a sociedade. (FREUD, 1996b)

Está também é uma maneira de imaginar como as sociedades teriam se originado, sendo que elas se inauguram no estabelecimento da exogamia e, ao mesmo tempo, na proibição do incesto. Uma história muito similar àquela explicada acima por Lévi-Strauss. Não cabe aqui comparar ou procurar igualar as duas ideias, mas compreendê-las como complexas e relacionadas. A diferença, para Freud, será a justamente aplicação do conceito de desejo, na teoria da inserção do homem na cultura. Explicará Garcia-Roza:

*Quando salientei acima que o Complexo de Édipo e a Interdição do Incesto não se identificam, não o fiz com o sentido de negar qualquer relação entre ambos, mas sim com o sentido de evitar que se proceda a uma redução da explicação psicanalítica do Édipo à explicação antropológica das relações de parentesco. Ambos dizem respeito às relações de sexo, mas, enquanto a antropologia pensa essas relações segundo regras de aliança matrimonial, a psicanálise pensa a sexualidade enquanto desejo. Por mais que aproximemos as duas concepções, fica o desejo como o diferencial entre ambas” (GARCIA-ROZA, 2009, p.217)*

Posteriormente, Freud pretendeu voltar a teorias mais gerais, mais implicadas na vivência prática dos homens, e não em formas míticas como a cena do Pai da Horda ou as ideias gerais dos antropólogos. Para realizar isso, ele se volta a estudar a vida infantil dos seres humanos, ensaiando sobre aquilo que denominou *complexo de Édipo*.

- **Complexo de Édipo: a falta constituinte**

No texto em que se aprofunda nesse importante conceito, denominado *A dissolução do complexo de Édipo* (1996d), o autor ensaia sobre a vida mental das crianças, especialmente dos meninos na fase dos seus quatro anos, colocando aí um importante atravessamento de gênero, posteriormente ultrapassado por autores como Melanie Klein e Jean Jacques Lacan.

Em geral, à conclusão é de que os humanos, ao nascerem, são cuidados e tem suas necessidades básicas atendidas pelas mães, que trocam suas fraldas, aliviam suas cólicas e dão de mamar. Estas crianças, atendidas em seus desejos carnisais, acabam por perceber o mundo ao seu redor como uma extensão de si próprias, isto é, se compreendem como seres oniscientes e onipotentes, ilimitados. Não estariam em um estado que poderíamos chamar de consciente, mas sim em um oceano de sensações que ainda não foram compreendidas. No entanto, frente a angústia de não ter seus desejos imediatamente

atendidos pela mãe (tarefa impossível), se deparam com a falta, a impossibilidade da satisfação completa, e são obrigados a reconhecer a mãe como uma pessoa alheia a elas. Resta infantes, angustiados pela ausência materna, imaginar o seio da mãe, seu carinho, ou seja, realizar aquilo que já conceituamos como fantasia. (FREUD, 1996d)

Isso inaugura nas crianças a ideia de que existe um outro, que não somente ele. Frente a isso, ele começa a ter aquilo que chamamos de desejo na sua relação com o alheio que, como nem sempre será atendido, também inaugura sua dialética, aquilo que chamamos de falta.

Para Freud, na relação simbiótica entre mãe e menino, indispensável para a constituição do ser, assim como Édipo-rei, o menino deseja tomar a mãe e matar o pai, empecilho da relação completa entre ambos. No entanto, ele também se depara com a possibilidade de ser castrado pelo pai, o que lhe causa extrema angústia. Como já dito, é na renúncia de seus desejos incestuosos, que o indivíduo adentra a vida social e familiar, então se consolidam as estruturas da psique: ego, superego e Id: *“A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal”* (FREUD, 1996d, p.104)

Neste trecho, está colocado o que se sucede na cena edípica e age como fenômeno antropológico invariável e consolidador de um indivíduo social. Invariavelmente, também está novamente colocada a questão da alteridade como formadora do indivíduo, isto é, da dialética de um outro, já que todos os seres nascem de um pai e de uma mãe, que é necessário para a estruturação da psique de todos os humanos. Este outro é tanto anterior ao indivíduo, como parte da cena interna que consolidará o aparelho psíquico em ego, superego e Id.

O complexo de Édipo, por tanto, vai falar sobre uma possível sexualidade infantil, antes censurada, já que na mente psíquica do bebê ocorre um desejo de consumir atos corporais satisfatórios com a mãe:

Assim, as fixações incestuosas da libido continuam (ou novamente começam) a desempenhar o papel principal em sua vida mental inconsciente. Chegamos ao ponto de considerar a relação de uma criança com os pais, dominada como é por desejos incestuosos, como o complexo nuclear das neuroses. (FREUD, 1996b, p.17)

A proibição do incesto, o Complexo de Édipo, dizem respeito a algo que o sujeito não pode realizar para viver entre outros, ou seja, diz respeito a uma **falta constituinte**. Junto a ela, está o desejo e a possibilidade de fantasiar com a completude.

Neste ponto, é importante lembrar que, apesar de toda essa teorização realizada por Freud e Lévi-Strauss acerca da natureza humana, os fatos e conceitos aqui tratados não

se dão de forma literal e direta, mas servem de norte para a compreensão dos processos inconscientes que fazem do humano, um indivíduo social. Toda a teoria psicanalítica, como já dito, surgiu de uma revelação surpreendente de certa etiologia traumática dos sintomas histéricos, antes desconhecida, mas que, em todos os seus mistérios, já não poderia mais ser ignorado pela filosofia e pela ciência. Os homens já sonhavam, se comunicavam, socializavam, formavam famílias, criavam obras artísticas e construções magníficas muito antes do surgimento da psicanálise. Coube a Freud, trazer a luz da ciência a teoria do inconsciente.

Aqui, adentramos pontos mais profundos de nossa discussão. Primeiramente, estabelecemos a estrutura psíquica definida pela psicanálise, composta pelos sistemas inconsciente e consciente, pensada na mente de um homem só, mas aplicada com certa universalidade. Depois, compreendemos que este homem também participa de uma sociedade, de um conjunto de leis e que sua formação mental não poderia acontecer se não fosse pela união entre os seus pares, pela vida social e cultural. Enfim, trouxemos teoria antropológica e psicanalítica sobre a hipótese mitológica da formação da cultura: a proibição do incesto, interdito comum entre Freud e Lévi-Strauss, mesmo com certas importantes diferenças que recaem, novamente, sobre o conceito de falta e desejo.

Percebe-se que a ambiguidade, o conflito, e o choque de contrários, é característico da vida humana: Inconsciente e consciente, desejo e falta, indivíduo e sociedade, natureza e cultura, fantasia e realidade. A linguagem e a escrita podem, por tanto entrar nesta discussão, já definidos os campos em que se inserem, e podemos pensar no escritor criativo como fundador e fundado destas estruturas dicotômicas, pois a escrita parte da premissa de um ser que fantasia, por tanto tem um inconsciente, e que vive em cultura, no simbólico, só sendo compreendido pela leitura de um Outro. Podemos compreender a linguagem como uma mediação entre os humanos, e entre todas estas dialéticas apresentadas:

O acesso ao simbólico é, portanto, a condição necessária para a constituição do inconsciente e, evidentemente, também do consciente. Inconsciente e consciente se formam por efeito de um mesmo ato e não o segundo como um epifenômeno do primeiro. É a aquisição da linguagem que permite o acesso ao simbólico e a consequente clivagem da subjetividade. (GARCIA-ROZA, 2009, p.176)

A linguagem se introduz nessa questão como a maneira de mediar as relações sociais e culturais entre os homens, já se colocando adiante da conceitualização da estrutura do aparelho psíquico, como fazíamos até agora, entrando em um âmbito que nos permite saltar da metapsicologia para as atividades humanas complexas, como as relações, as artes e é claro, a escrita criativa.

Mas a linguagem também participa de uma sociedade e de um indivíduo que se fundam, dialeticamente, pela interdição, pela regra e pela teoria da falta como constituinte do homem. Ou seja, a linguagem se enquadra em uma perspectiva da cultura, do desejo, da impossibilidade de representar tudo que há de interno e substancial no homem, estando contida nela, também uma falta, uma impossibilidade comum a todos. Agora podemos prosseguir em nosso ensaio de compreender o escritor criativo e sua atividade.

## **AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA**

Como pretendemos, no presente trabalho, estabelecer relações teóricas entre as ideias de Freud sobre a teoria da falta como constituinte do homem, e como Clarice Lispector expressa essas ideias em seu discurso narrativo, é necessário o posicionamento epistêmico que pensamos ser coerente com tal empreendimento aqui proposto: relacionar literatura e psicanálise.

Para nos dar suporte neste percurso, tomaremos como modelo a dissertação publicada pelo autor brasileiro Rafael Villari, que integrou o anuário de literatura em 1997, trabalho no qual o psicanalista mestre em letras buscou relacionar uma obra de Ernesto Sábato com a psicanálise.

Em tal texto, Rafael Villari (1997) propôs articulações entre o livro de Sábato “*Sobre Heróis e Tumbas*” e o conceito psicanalítico de melancolia. Tomamos este texto como base, pois gostaríamos, de maneira análoga, relacionar a obra de Clarice Lispector (2020) e a compreensão freudiano da falta, que se amarra em conceitos como desejo, cultura, linguagem, já revisados anteriormente. Para tentar realizar tais relações, nos interessou focar nos capítulos 1 e 6 da tese de Villari (1997), respectivamente: “*Relações Possíveis e Impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura*” e “*Ernesto Sábato e Melancolia*”.

Em *Relações Possíveis e Impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura*, Villari (1997, p.7-18) inicia seu texto afirmando que podem ser estabelecidos diversos níveis de relação entre literatura e psicanálise. Dentre essas relações, o autor propõe uma divisão entre aquilo que considera possível e impossível nestes enlaçamentos, no que diz respeito aos efeitos desse tipo de produção de em termos de descoberta, e não nas infinitas articulações que podem ser feitas entre os dois conceitos (literatura e psicanálise), atividade certamente inesgotável.

Segundo Villari (1997), o próprio Freud (1996a) debruça-se sobre a potência do texto literário, na tentativa de examiná-lo academicamente e referenciá-los como uma

representação estética de ensaios psicanalíticos (tal como fez em *Escritores Criativos e outros Devaneios*).

Uma das primeiras maneiras com que Freud se aproxima da literatura é inseri-la no campo da investigação, utilizando-a como via reveladora de aspectos do real: como se a literatura pudesse preencher uma lacuna, dizer sobre a condição humana de uma maneira estética que não poderia ser atingida pela teoria psicanalítica, que estava submetida pelos pressupostos científicos rígidos do século XX:

É um momento em que se chama a Literatura para dizer aquilo que a Psicanálise não alcança. (...) vislumbra-se uma atitude que poderíamos chamar de extrativa, interessada em tentar resgatar do texto literário a particularidade que pudesse nutrir à Psicanálise (VILLARI, 1997, p.10)

Esta atitude freudiana pretendia utilizar o texto literário como instrumento, a partir do qual se abriria a possibilidade do relançamento da teoria psicanalítica em construção. No entanto, com o decorrer dos anos, muitos foram os discípulos da psicanálise que distorceram as maneiras psicanalíticas de aproximação com a literatura, pois subvertiam as ordens e tomavam o texto literário como “objeto de estudo”, enquanto a psicanálise servia como um instrumento interpretativo absoluto, na tentativa de revelar possíveis sentidos ocultos dos textos, que “comprovassem” as ideias da psicanálise. De acordo com Villari, tal técnica é a que ele considera impossível na relação entre literatura e psicanálise: “*utilizar a teoria psicanalítica no interesse do texto literário.*” (VILLARI, 1997, p.12)

Este tipo de abordagem pós-estruturalista, que Villari denomina *Textanálise*, procurava apontar o “desejo no texto”, posicionamento que supõe uma noção de “inconsciente do texto literário”. Porém, esta técnica acabava, por pressuposto, retirando o autor do objeto literário, tal qual um analista que procura interpretar um relato discurso independente do paciente, de suas vivências e histórias. Ou seja, este tipo de relação demonstrava ser epistemologicamente incoerente, já que o inconsciente idealizado por Freud conta fundamentalmente com a presença de um sujeito: “*Em outros termos, pretendia-se um sujeito da enunciação sem sujeito do enunciado.*” (VILLARI, 1997, p.13)

Na tentativa de superar “os furos” nesta técnica da *Textanálise*, subsequentemente, surgiu a prática do *Prototexto*, onde se procurava analisar, ao invés dos textos prontos, os rascunhos dos escritores. Tal técnica se deu no sentido de considerar o sujeito na análise literária, além de atribuir maior relevância naquilo que se tornou erro, intervalo, dúvida, numa comparação direta com a maneira que se forma o inconsciente nas lacunas do indivíduo. Isto é, como se o esboço representasse um inconsciente. (VILLARI, 1997)

No entanto, essa ideia pode se apresentar de maneira redundante, já que o texto está muito distante de se assemelhar a um inconsciente, pois sua realização já pressupõe

uma relação linguística estruturada entre dois seres, pois o texto só se faz enquanto texto na medida em que é lido por outrem: a linguagem se constitui na relação mínima entre dois indivíduos.

De acordo com Villari (1997), apesar de terem importantes contribuições, a *Textanálise* e o *Prototexto* acabam por assumir posições epistêmicas incoerentes, no sentido em que se estabelece a teoria psicanalítica como um ponto de vista, utilizado para percorrer o texto literário, como se a literatura pudesse ser “preenchida” e explicada pelos saberes psicanalíticos. Porém, a psicanálise foi estabelecida, dialeticamente, na relação retroalimentar entre prática, clínica e teoria, campos estes que se enlaçam. Aqueles que analisam textos psicanaliticamente, se utilizam apenas de um pedaço da psicanálise, sua parte teórica, imaginária, apresentando por tanto, um uso recortado de uma ciência muito extensa. Por tanto, para Villari (1997), está no âmbito do impossível se utilizar da psicanálise no interesse do texto literário, a fim de “desvendá-lo”.

Como a psicanálise, em seus primórdios, esteve sujeita a se encaixar em pressupostos científicos que primavam pela objetividade e neutralidade, Freud demonstrava certa relutância em assumir um papel linguístico que não fosse estritamente acadêmico. Neste ponto, a literatura pode ser uma maneira mais informal e acessível de ilustrar o discurso psicanalítico, já que este próprio pretende falar sobre uma universalidade e uma complexidade humana, aspectos que também são dados na linguagem e na escrita, enquanto características socioculturais dos indivíduos.

Ou seja, o possível na relação psicanálise e literatura, é justamente o inverso do impossível. A possibilidade produtiva está em utilizar o texto literário no interesse da teoria psicanalítica, pois dessa forma, o sujeito-leitor estará mais bem posicionado em relação ao texto, assumindo seu lugar de não-sabido, da falta frente ao texto. (VILLARI, 1997)

Dessa maneira, não será o texto literário que será preenchido pela psicanálise, e sim, o sentido inverso: a psicanálise pelo texto literário: “*buscando nas palavras dos escritores aquilo que não alcançamos dizer*” (VILLARI, 1997, P.16)

Isso pressupõe um lugar que não eleva a psicanálise como ciência que detém um conhecimento absoluto sobre os seres, mas como lugar de constante construção e debate.

Pois bem, nas relações entre psicanálise e literatura que procuraremos realizar, será assumida uma posição de busca daquilo que não se sabe, uma abertura para que o texto fale por si, e articule aquilo que a teoria freudiana psicanalítica não contempla, em termos de liberdade expressiva por meio do ensaio literário e livre. Nas palavras do autor brasileiro, a proposta é que o movimento parta de “*uma teoria em falta, que oriente a espera do surgimento daquilo que nos faça reconhecer, no texto, aquilo que nos convoque à escrita;*

*delineando o que nos parece constituir a atitude propriamente freudiana de investigação.*” (VILLARI, 1997, p.18)

Esta última técnica descrita, denominada *AutorObra*, é a que o autor utilizou no último capítulo de sua dissertação, *Ernesto Sábato e Melancolia* (VILLARI, 1997, p.82-117) e será a que tentaremos utilizar, de maneira análoga, no próximo tópico, ao trazer o livro *Água-Viva* (2020) e relacioná-lo com a teoria da falta como constituinte do homem. Em relação a estrutura deste processo, Villari descreve que:

Não pretendemos debruçar-nos sobre a obra (de Sábato) em sua totalidade, mas servir-nos dela para — através de recortes textuais — aproximarmo-nos daquilo que, na construção narrativa, nos remete às particularidades do discurso melancólico. Dessa forma, partimos de uma apresentação inicial do romance, no intuito de poder localizar o lugar que ocupa esse recorte que privilegiamos (VILLARI, 1997, p.82)

Realizaremos o mesmo procedimento de recorte textual para tratar do romance de Clarice Lispector (2020), só que, ao invés da melancolia, procurar em suas palavras as particularidades do discurso sobre a teoria da falta como constituinte do ser. Por tanto, não nos interessa trazer aqui as relações específicas estabelecidas no último capítulo da dissertação de Villari (1997), já que traremos outros conceitos, mas sim utilizar a estrutura de sua articulação como modelo referencial, para assim aplicá-lo nas questões que propusemos neste presente trabalho.

Ademais, a obra de Sábato se estrutura como um romance clássico, isto é, apresenta personagens, eventos descritivos e linearidade temporal. Já o livro *Água-viva* (2020) é, por inteiro, um monólogo interno da protagonista/narradora, que fala quase em uma associação-livre, como explica Clarice Lispector no início do texto: *“te escreverei tudo que vier a mente com o menor policiamento possível. É que me sinto atraída pelo desconhecido.”* (LISPECTOR, 2020, p.69)

Este ponto é relevante pois, por mais que procuremos certa sustentação no trabalho de Villari (1997) é importante que diferenciemos a proposta das duas obras literárias, já que seus contrastes implicam maneira distintas de abordagem sobre o texto. Então, diferente de como Villari (1997) fez com Ernesto Sábato, não trataremos com profundidade aspectos biográficos de Clarice Lispector, pois a narradora diz, no início de seu romance que: *“Muita coisa não posso te contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser bio.”* (LISPECTOR, 2020, p.29)

Por tanto, assumiremos o desejo da autora em falar universalmente, impessoalmente. Não é que pretendemos descartar a posição que a autora tem sobre seus escritos pois, tal como diz Villari, em certo sentido, toda arte é autobiográfica, mas gostaríamos de colocar: *“o limite do autor no próprio romance, ou seja, na tentativa de*

*encontrar o autor na obra, sem ir além da fronteira que o texto impõe. Tínhamos dito: Autorobra” (VILLARI, 1997, p.83)*

Dito isso, pretende-se chegar ao texto da Clarice Lispector (2020) na ideia de: *relançar a teoria psicanalítica, a partir dos elementos que podemos encontrar na Literatura, concebida como uma forma, a nosso ver privilegiada, de acesso ao conhecimento. Tal posicionamento implica considerar que o saber está no texto, e a ignorância de nosso lado.”* (VILLARI, 1997, p.17)

Este tipo de atitude frente ao texto literário, acaba por concordar com o empreendimento que o próprio Freud teve ao se inclinar-se sobre romances clássicos, tentando: *“encontrar nos grandes escritores da Literatura o campo de onde resgatar algo do conhecimento da alma humana.”* (VILLARI, 1997, p.18)

## **CLARICE LISPECTOR SOBRE A ÓTICA DA FALTA**

Clarice Lispector nasceu na aldeia de Tchetchelnik, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920. Era filha de um casal de origem judaica que fugiu de seu país diante da perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa.

A autora aprendeu a ler e escrever quando criança e logo começou a escrever pequenos contos. Seu primeiro livro foi publicado em 1944, ano em que a autora se graduou na Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro.

Em busca de uma linguagem especial para expressar suas paixões e considerações sobre o estado da alma, a escritora utilizou recursos técnicos modernos em seus textos, como a análise psicológica e o monólogo interior. Sua ficção transcende o tempo e o espaço e os personagens, postos em situações limite, são com frequência femininos, quase sempre situados em centros urbanos. Atualmente, Clarice Lispector é apontada unanimemente como uma das maiores escritoras da língua portuguesa de todos os tempos.

Trazemos esses breves elementos referentes a autora e sua produção — de público conhecimento — para começar a esboçar certa configuração entre o livro de Clarice Lispector e a teoria da falta como constituinte do homem. Agora, prosseguiremos em um recorte textual da obra, já que:

uma vez que se encontra alguma correspondência entre o romancista e sua obra, não é legítimo deter-se nesse primeiro passo, mas deve-se seguir adiante com o sentido da obra em si mesma e seu significado para nós, que é, afinal de contas, o que importa. (WAINERMAN apud VILLARI, 1997, p,86)

A obra da autora selecionada para a discussão, *Água-viva* (2020), foi originalmente publicada em 1973, pertencendo a terceira geração modernista. O livro parte de um

monólogo interior transcendente, que procura encontrar as perguntas sem respostas e, ambigualmente, as respostas sem perguntas. A trama do livro é sutil, podendo ser descrito como “um romance sem romance”. A narradora é um “eu” feminino que se dirige a um tu masculino, discorrendo sobre suas ânsias e procuras, num discurso ininterrupto onde se mistura o delírio, a confissão, a sedução e a filosofia. Fica enfatizada a fragmentação da linguagem e a contaminação do fluxo da consciência da narrativa (LISPECTOR, 2020, Orelha do livro)

De maneira geral, pode-se dizer que durante todo o ensaio, a narradora falará por meio de ambiguidades e contradições. Isso nos interessa pois, como já dito anteriormente, a psicanálise compreende que o humano tal como se forma, adentra a vida permeado por estruturantes ambivalências, não como escolha consciente, mas como condição de existência. A teoria da falta como constituinte do homem fala justamente, da ambiguidade, da contrariedade que atravessa constantemente os indivíduos, que só se formam pela coexistência dos contrários. Nas palavras de Clarice Lispector:

*“Esta é a vida vista pela vida. Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa. Quero escrever-te como quem aprende. Fotografo cada instante, aprofundo as palavras como se pintasse, mais do que um objeto, a sua sombra.”* (LISPECTOR, 2020, p.11)

Neste trecho pode-se interpretar uma fala semelhante da teoria da falta como constituinte do homem, pois o sentido é a própria falta de sentido, tal como a veia que pulsa, uma metáfora para o movimento da vida. A autora também traz a ideia da palavra, do objeto, como sinalizador da sombra, revelando novamente, uma dialética que também pode ser enxergada na linguagem, já compreendida aqui como mediadora da cultura humana, participante de um mundo simbólico que não pode representar completamente o real e o imaginário, por se enquadrar em um sistema restrito de significados e símbolos:

*“Mas agora quero ver se consigo prender o que me aconteceu usando palavras. Ao usá-las estarei destruindo um pouco o que senti - mas é fatal.”* (LISPECTOR, 2020, p.73)

*“Quanto ao imprevisível - a próxima frase me é imprevisível. No âmagô onde estou, no âmagô do É, não faço perguntas. Porque quando é - é. Sou limitada apenas pela minha identidade. Eu, entidade elástica e separada de outros corpos.”* (LISPECTOR, 2020, p.23)

Ao se comunicar o indivíduo está, em certo grau, implicado em um sistema simbólico que foi estabelecido anterior a ele: inserido no coletivo, ele abandona certa parcela de liberdade individual para adquirir identidade e participação na vida sociocultural, isto foi ilustrado anteriormente pela teoria da castração e do complexo de Édipo, na psicanálise, ou na proibição do incesto na antropologia. Ideia poeticamente sinalizada em *Água-viva*:

Não usar palavras é perder a identidade? é perder-se nas essenciais trevas daninhas? Perco a identidade do mundo em mim e existo sem garantias. Realizo o realizável mas o irrealizável eu vivo e o significado de mim e do mundo e de ti não é evidente. (LISPECTOR, 2020, p.59)

palavra apenas se refere a uma coisa e esta é sempre inalcançável por mim. Cada um de nós é um símbolo que lida com símbolos - tudo ponto de apenas referência ao real. Procuramos desesperadamente encontrar uma identidade própria e a identidade do real. E se nos entendemos através do símbolo é porque temos os mesmos símbolos e a mesma experiência da coisa em si: mas a realidade não tem sinônimos (LISPECTOR, 2020, p.66)

Este trecho apresenta uma ideia de que não se pode representar tudo aquilo que fervilha no interior do indivíduo apenas pela via das palavras e da linguagem, isto é, por vezes as palavras não contemplam as experiências individuais em totalidade, pois estão restritas a um sistema linguístico compartilhado. Este é um dos assuntos mais recorrentes da obra: a oscilação e a confluência de incompletudes e contrários, e podemos remeter isto a conceitos teóricos já tratados psicanálise, como indivíduo e sociedade, desejo e falta, Natureza e Cultura.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra - a entrelinha - morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a o que salva então é escrever distraidamente (LISPECTOR, 2020, p.17-18)

Ademais, pode-se interpretar certo desejo da narradora em utilizar as palavras justamente para evidenciar a falta na linguagem, a incompletude, a insatisfação. Uma atitude paradoxal, metalinguística. Isso nos alude à própria organização psicanalítica do desejo. Podemos dizer que a narradora cria uma fantasia, fazendo uma elaboração imaginária daquilo que não encontra vazão completa para se constituir na realidade. É interessante trazer a ideia de Freud de que esta é a forma pela qual os escritores criativos alcançam e comovem o homem comum, proporcionando um jogo de prazer ao propor a fantasia de maneira estética, poética e artística. No entanto, a habilidade de fantasiar não é própria dos escritores, e sim comum a todos os homens, mas a maneira como a fantasia é colocada na escrita é distinta já que o escritor criativo:

*“pode proporcioná-lo (a irrealidade do mundo imaginativo) como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor”* (FREUD, 1996a, p.80)

Geralmente, temas fantasiosos poderiam ser quase que repulsivos se colocados de maneira crua. No entanto, na representação criativa, são recebidos de maneira mais palatável e compartilhada. Em água-viva, por exemplo, a narradora toca em assuntos que

podem ser concebidos como angustiantes, existenciais. Tais temas, que poderiam gerar repulsa e desconforto, acabam por ser, nas palavras de Clarice Lispector (2020), fontes de prazer e identificação.

Neste aspecto, também podemos retornar à questão da alteridade na estruturação do indivíduo e da sociedade, que só se forma no encontro entre os seres, entre o outro e o eu. Isto é, a subjetividade e a identidade se formam no encontro com um outrem.

*“Já entrei contigo em comunicação tão grande que deixei de existir sendo. Você tornou-se um eu. é tão difícil falar e dizer coisas que não podem ser ditas. É tão silencioso. Como traduzir o silêncio do encontro real entre nós dois?”* (LISPECTOR, 2020, p.44)

*“A garantia única é que eu nasci. Tu és uma forma de ser eu, e eu uma forma de te ser: eis os limites de minha possibilidade.”* (LISPECTOR, 2020, p.55)

Percebe-se também a tentativa constante da narradora em se perder no leitor, em estabelecer uma comunicação onde não se pode dizer onde narrador começa e leitor termina, mas focar justamente na articulação entre os dois, pois o escritor não se faz sem aquele que o lê, e vice-versa, tal como o indivíduo não se faz senão pela sua relação com os outros.

Em uma ótica psicanalítica que visa uma compreensão mais interna dos seres, que busca dissecar as entranhas do aparelho psíquico do sujeito, as ambiguidades se dão, primordialmente, no âmbito das diferenças semânticas entre os sistemas psíquicos consciente e inconsciente. Resgatando a teoria já tratada no início deste trabalho, Freud escreve que os indivíduos não têm controle completo sobre a psique, mas estão essencialmente submetidos a obedecer a dois senhores de ordens distintas. Sobre essa consideração teórica, podemos trazer mais um trecho de Clarice Lispector (2020) que, na nossa interpretação, faz uma bela descrição desse antagonismo da mente humana, pensada extensamente em diversos textos da psicanálise:

E sou assombrada pelos meus fantasmas, pelo que é mítico, fantástico e gigantesco: a vida é sobrenatural. E caminho segurando um guarda-chuva aberto sobre corda tensa. (...) Minha essência é inconsciente de si própria e é por isso que cegamente me obedeco. Estou sendo antimelódica. Comprazo-me com a harmonia difícil dos ásperos contrários. Para onde vou? e a resposta é: vou. (LISPECTOR, 2020, p.24)

A maneira na qual a narradora trata os sentidos da vida (sentido aqui compreendido como direção, movimento), como quando pergunta para onde ir, também alude a questão do desejo tal como pensado na maneira psicanalítica, onde ele próprio constituiu uma falta, um movimento sem possibilidade de satisfação, mas que implica a quebra da inércia: O desejo da falta. O desejo do desejo, que se desenvolve do instinto e da pulsão.

Estou de olhos fechados. Sou pura inconsciência. Já cortaram o cordão umbilical: estou solta no universo. (...) Com olhos fechados procuro cegamente o peito: quero leite grosso. Ninguém me ensinou a querer. Mas eu quero. Fico deitada com olhos abertos a ver o teto. Por dentro é a obscuridade. Um eu que pulsa já se forma. Há girassóis. Há trigo alto. Eu é. (LISPECTOR, 2020, p.30)

Os possíveis sentidos psicanalíticos que podem ser recheados por este pequeno trecho, são diversos. O leite remete imediatamente a uma vida infantil das pulsões, assunto extensamente explorado por Freud: o instinto originário de mamar, o universo infantil pré-edípico, que se desvelará na vida dos homens de maneira específicas, em inúmeros sentidos e desejos.

*Água-viva* (2020) é uma obra que pode tocar o leitor em seu amago existencial, ou não. Na leitura da obra, o leitor pode estabelecer níveis próprios de aproximação ou distanciamento com as ideias da narradora, produzindo assim, sentidos individuais e identitários naquele ser que lê. Neste aspecto, podemos trazer de novo que, é pela ambiguidade que o ser humano se forma, pela maneira que se identifica ou não consigo e com os outros. Encerra a autora:

Eu que sou doente da condição humana. Eu me revolto: não quero mais ser gente. Quem? quem tem misericórdia de nós que sabemos sobre a vida e a morte quando um animal que eu profundamente invejo - é inconsciente de sua condição? Quem tem piedade de nós? Somos uns abandonados? uns entregues ao desespero? Não, tem que haver um consolo possível. Juro: tem que haver. (LISPECTOR, 2020, p.76-77)

Ao colocar a condição humana como entrelaçada com o sofrimento, a narradora parece expurgar certa vontade comum que é retornar a um estado onde apenas não se é, uma ideia análoga a pulsão de morte. Porém, o sofrimento também implica a possibilidade e a potência do alívio, do compartilhado.

Como vês és-me impossível aprofundar e apossar-me da vida, ela é aérea, é o meu leve hálito. Mas bem sei o que quero aqui: quero o inconcluso. Quero a profunda desordem orgânica que no entanto dá a presentir uma ordem subjacente. A grande potência da potencialidade. (LISPECTOR, 2020, p.22)

Em certo sentido, podemos interpretar que ler Clarice Lispector pode trazer um alívio existencial, já que o leitor tem a liberdade e a possibilidade de se colocar no lugar da narradora, que, pela sua escrita exímia, cria um espaço compartilhado de fantasia e devaneio, onde se reflete sobre a falta de sentido na vida. A falta como sendo o próprio sentido.

O que pode ser penoso e desesperador, também se torna comum e toma a forma assumida de não ter forma, e esta é a habilidade mais bela do escritor criativo, como dirá Freud:

quando um escritor criativo nos apresenta suas peças, ou nos relata o que julgamos ser seus próprios devaneios, sentimos um grande prazer, provavelmente originário

da confluência de muitas fontes. Como o escritor o consegue constitui seu segredo mais íntimo. A verdadeira ars poética está na técnica de superar esse nosso sentimento de repulsa, sem dúvida ligado às barreiras que separam cada ego dos demais. (...) Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem autoacusações ou vergonha. (FREUD, 1996a, p.85)

Para nosso entendimento, os recortes textuais aqui realizados já foram suficientes para abordar as questões principais que tratamos ao longo de todo o trabalho, sobre a falta como constituinte do homem, no seu sentido dialético.

Como já dito, não pretendíamos concluir e encerrar Clarice com alguma tese final e fechada. A própria autora escreve, em sua última página: *“Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas”* (LISPECTOR, 2020, p.78)

Isso nos permite terminar o recorte da obra de maneira contundente, pois a narradora nos recomenda a seguir procurando sentidos, não naquilo que está escrito, mas nas entrelinhas, que podemos interpretar como nossos próprios significados e preenchimentos, pessoais e internos.

*“pode-se perguntar sempre por que e sempre continuar sem resposta: será que consigo me entregar ao expectante silêncio que se segue a uma pergunta sem resposta? Embora adivinhe que em algum lugar ou em algum tempo existe a grande resposta para mim.”* (LISPECTOR, 2020, p.11)

*“Porque não sei qual é o meu segredo. Conta-me o teu, ensina me sobre o secreto de cada um de nós. Não é segredo difamante. É apenas esse isto: segredo.”* (LISPECTOR, 2020, p.53)

Para efeitos de conclusão, encerramos a parte teórica deste trabalho, reconhecendo que nós, em nossas leituras e recortes, procuramos fazer com que Clarice pudesse falar da falta. Porém, tentamos não a fechar em seus discursos, ou colocá-la como portadora de uma resposta proféticas sobre a condição humana. A própria narradora assume a sua posição faltante, junto a nós. Por tanto, cabe encerrar a falta, não como vazio, mas como possibilidade substancial e infinita de movimento.

*“Pois bem, talvez seja esse o movimento que devemos tolerar na procura de alguma incógnita: aproximarmo-nos dela, tê-la — imaginariamente — , para perdê-la no movimento seguinte.”* (VILLARI, 1997, p.119)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poderia dizer que, o grande desafio deste trabalho foi o de unir campos epistemológicos com implicações e técnicas tão diferentes. As relações entre literatura e psicanálise, como já afirmado, não se fecham em apenas um modelo: são infinitas e amplas, podendo ser produzidas conforme ambos os campos se avolumam interminavelmente, com o passar do tempo.

Apesar de isso lançar os pesquisadores da área em um terreno vasto, também acredito que demonstra a potência que a ciência e a curiosidade têm em serem fontes inesgotáveis de busca por novas compreensões e insights sobre a condição humana. Estas áreas só serão fechadas e repetitivas quando não os pesquisadores não se proporem a realizar um pensamento crítico frente aos objetos de estudo. Neste ponto, quero dizer que a ciência e a pesquisa também implicam um certo perigo de controle social, quando não realizadas de maneira reflexiva ou criteriosa, como já se demonstrou historicamente.

Se produzida na base de pressupostos irrealistas de objetividade e a neutralidade entre sujeito e objeto, aspectos estes que acabam por ser paradoxalmente ideológicos, a ciência pode corroborar com um projeto de poder opressivo e violento. Este foi um cuidado que procurei tomar ao criar este trabalho bibliográfico e teórico, no sentido de me posicionar contra um pressuposto da neutralidade e objetividade, já que muitas das interpretações aqui realizadas diziam respeito as minhas vivências próprias e quem eu sou enquanto sujeito. Por tanto, assumo o posicionamento ético de crer que todo e qualquer sujeito é singular e único, tal qual sua produção científica. Eu e os outros, os Outros e eu.

Uma outra questão importante que tocou este projeto, foi a vontade de trazer autores de grandes nomes e trajetórias: Sigmund Freud e Clarice Lispector. Ambas as personalidades contam com produções literárias vastas e contribuições ímpares para o conhecimento humano, desse modo, a tarefa de estudá-los e procurar compreendê-los não é trivial, mas um esforço longo e que, certamente, pode tomar uma vida toda. Foi necessário realizar muitos recortes na teoria e apaziguar certos desejos e ansiedades pessoais de, como diz o ditado, tomar o mundo pelas mãos.

Mesmo isso se mostrando como um desafio, compreendo que a importância de articular estes dois grandes pensadores, apoiada em outros autores contemporâneos, se dá no sentido de que Freud e Clarice viveram épocas, culturas, relacionamentos, vivências e ambientes muito distintos. Fora a habilidade criativa e a religião judaica, me parece que o que mais une estes autores, cada qual a sua maneira, é um apetite insaciável de compreender os seres e a humanidade, em seus sofrimentos e alegrias.

Ler Clarice Lispector sempre me proporcionou uma forma poderosa de encontro: com a autora e comigo mesma, em minhas angústias e incompreensões. De certa forma, era como se Clarice me conhecesse melhor do que eu mesma, pois conseguia desvelar sentidos ocultos da minha mente, sentidos estes que eu jamais imaginei que povoassem a minha subjetividade. Ler Clarice era uma atividade terapêutica, tamponava uma sensação de solidão existencial que penso ser comum entre as pessoas. Já com Freud, meus encontros eram similares, naquilo que toca a compreensão dos sujeitos em suas angústias, mas envolvia mais a psicologia como minha escolha de formação e profissão: clínica, como cuidado de outrem. No fim, me parece que ambos os autores falam de sujeitos necessariamente incompletos, que buscam os meios para poder compreender e ser quem são, em liberdade.

Ademais, considero que é importante estudar a falta como conceito, reconhecê-la na humanidade, no indivíduo, nos escritos psicanalíticos, na arte, etc. Especialmente nos dias de hoje, a compreensão da falta como constituinte da subjetividade e da vida humana, a coloca em um lugar de integrante irremediável da vida de todo e cada indivíduo. Compreender a falta, falar sobre ela, não significa alcançar a sua “resolução”, ou fazer um empreendimento pela “cura” da nossa insatisfação pessoal, mas introduz uma noção de que o vazio existencial é necessário, e implica a busca pessoal daquilo que possa nos comover, nos transcorrer e nos preencher até o momento em que escapa.

Digo nos tempos atuais pois penso que o neoliberalismo e as redes sociais expõem os jovens (e a sociedade como um todo) a um modelo de vida onde não a espaço para a espera, para o imperfeito, para o tédio, para o erro, ou para a angústia, já que a lógica do consumismo e da exploração desenfreada da imagem “saudável” se tornaram forças soberanas em nossa sociedade. Isso se demonstra pela propaganda midiática ou pelo crescimento exponente da indústria farmacêutica de psicotrópicos.

Neste sentido, abraçar a falta como parte irremediável de cada um de nós, não soa tão frustrante e desesperador como procurar ter uma vida que não tem espaço para o imperfeito.

Penso que muito material ainda pode ser escrito sobre este tema das ambiguidades e dos desejos, em uma pesquisa mais extensa. Por exemplo, poderia ser trazida para a discussão a noção de Lacan sobre o “objeto a”, um tema muito fértil e contundente a ser estudado atualmente, momento em que a clínica psicanalítica está sendo colocada em xeque, no que diz respeito as ambivalências que lá se fazem com as discussões contemporâneas sobre gênero, raça e classe como identidade e subjetividade, indivíduo e coletivo.

Gostaria de concluir este trabalho como ele se iniciou: a vontade de compreender os escritores criativos em sua atividade. No decorrer da pesquisa, me parece que houve um giro nesta indagação. Os escritores criativos que nos ajudam a nos compreender quem somos em nossas atividades humanas. Foi um pouco do que quis trazer aqui, também procurando me fazer criativa. Como dirá Freud:

*“Afinal, os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre a sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita frequência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta.”* (FREUD, 1996a, p.79)

## **Bibliografia:**

BETTELHEIM, B. (1991) A Viena de Freud e outros ensaios Rio de Janeiro: Campus.

BREUER, J. & FREUD, S. (1977) “Estudos sobre a Histeria”. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, vol. 2 (Trabalho original publicado em 1893-1895)

FREUD, Sigmund. (1996a). Escritores criativos e outros devaneios. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. 78-85. (Trabalho original publicado em 1908)

\_\_\_\_\_ (1976). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago. 149-163. (Trabalho original publicado em 1912)

\_\_\_\_\_ (1996b) Totem e tabu. In Edição Standard Brasileira das. Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

\_\_\_\_\_ (1996c) O inconsciente. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado 1915)

\_\_\_\_\_ (1996d) A dissolução do complexo de Édipo. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)

\_\_\_\_\_ (1996e). As resistências à psicanálise. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1976) As estruturas elementares do parentesco. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1949)

LISPECTOR, C. (2020) Água-viva. I ed. Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1973)

PONTALIS, Jean-Baptiste; LAPLANCHE, Jean. (1991) Vocabulário de psicanálise. 11.ed. Santos: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1970)

ROZA, Luiz Alfredo Garcia. (2009) Freud e o inconsciente. 26 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1984)

VILLARI, Rafael Andrés. (1997) Literatura e psicanálise: Ernesto Sábato e a melancolia. Florianópolis: Editora da UFSC.